

RUBEM BRAGA

GUERRA

Nestes dias em que a guerra começa ando eu mergulhado no trabalho de traduzir, para a José Olympio, um livro de Cronin, o autor de "A Cidadela". O livro tem um título lyrico — "Sob o olhar das estrellas" — mas não tem duas linhas sequer de divagações lyricas. E' vivo e realista. Conta a historia de uns mineiros do Norte da Inglaterra. A acção começa antes da Grande Guerra e acaba depois. Não apparece uma unica scena de guerra, mas nem por isso ella deixa de estar presente, influindo sobre os personagens que embarcam para a França e mesmo sobre os que não embarcam. Ha o caso interessante de um rapaz que fez "objecção de consciencia" para não ir á guerra. Havia na Inglaterra daquelle tempo milhares de jovens que se negaram a combater não por medo — era preciso mais coragem para ficar do que para irmos por motivos espirituaes. Arthur Barras, o filho de um proprietario de mina de carvão, é um delles. E tem de comparecer perante um tribunal presidido pelo proprio pae. Os outros membros do tribunal são: um açougueiro, um militar e um pastor protestante. O açougueiro, um tal Ramage, homem truculento de pescoço taurino, interroga:

— Porque se nega a combater?

— Não quero matar meus semelhantes.

— Mas, porque?

— Minha consciencia se recusa a isso.

Ha um silencio, e depois Ramage observa rudemente:

— Consciencia de mais sempre faz mal a uma pessoa.

Ahi o reverendo intervem, olhando paternalmente o accusado:

— Vamos ver uma coisa. Você não é christão? Não ha nada, na religião christã, que prohiba matar legitimamente pela salvação do paiz.

— Não ha assassinato legitimo.

— Como?

— Não consigo imaginar Jesus Christo mettendo uma baioneta na barriga de um soldado allemão. Não posso imaginar Jesus atraz de uma metralhadora derrubando homens innocentes.

O reverendo Low fica vermelho:

— Isso é uma blasphemia!

Depois é o proprio pae que interroga. Em certo momento explica ao filho:

— Fazemos esta guerra para que seja a ultima.

— E' o que sempre se diz. E' o que se repetirá mais tarde para que os homens se trucidem, quando rebentar a proxima guerra!

Depois vem um rapido interrogatorio do militar — e Arthur Barras acaba condemnado a dois annos de cadeia, com trabalhos forçados.

Está visto que Arthur tinha razão — mas seu gesto não teve força nenhuma para deter a guerra, nem para evitar esta outra, que ahi está. Nem muito menos para evitar que um outro personagem — o bravo Joe Gowlan — ficasse podre de rico dirigindo uma fabrica de munição.

Não é se encastelando em sua convicção pacifista que o homem ha de evitar a guerra. E' se juntando aos outros homens para impedir o dominio da sociedade pelos provocadores de guerra. E' lutando em massa contra a guerra, contra o absurdo systema social que conduz inevitavelmente á guerra. Alguns paizes da Europa actual estavam, nestes annos, dominados por governos cujo programma era exclusivamente dominado pela idéa da guerra. Não é nada espantoso que ella tenha vindo...

Os apellidos do Papa e as phrazes do pobre Arthur não são ouvidos entre o ribombo dos canhões. Só se escutam as vozes que syntonisam com a metralha. Como por exemplo a desse bispo que, segundo um telegramma publicado hontem, disse em carta pastoral que seu paiz entrou na guerra "com todo o seu bom direito". Quando um bispo diz isso que ha de fazer o pobre Deus? Seu nome é invocado de todos os lados — todos luctam por Elle...

Enfim, Deus saberá o que fazer. Quanto a nós, tudo o que Lhe pedimos é isto: que nos deixe de fóra. E si outros paizes nos quizerem induzir a entrar na sangueira, o Brasil deve responder com o titulo daquelle chórinho paulista:

"Eu sou pobre e móro longe..."